

26 OUT. 1965



9



Lanternas usadas pelos poveiros nas procissões da Semana Santa (Ilustrações do estudo de Rocha Peixoto acerca da «Iluminação Popular»)

NAS VÉSPERAS DO CENTENÁRIO DE ROCHA PEIXOTO

(6)

por FLAVIO GONÇALVES



modelaria o busto, recorreu o Club Naval ao conselho do poveiro Rocha Peixoto, pedindo-lhe a indicação de um escultor competente e de peritos que depois viessem a

ENTRETANTO, resolveu o Club Naval Povoense levantar junto à praia um monumento ao heróico «Cego do Maio», símbolo da bravura do pescador da Póvoa de Varzim. Em Fevereiro de 1908, no momento de se escolher o artista que

direi mais, um fanático pela terra que lhe foi berço. Era de ver como se entusiasmava com os seus progressos, com que afã a defendia pela palavra e pela pena; como lhe riam os olhos com o seu engrandecimento; como aconselhava, encorajava, afoitava e impelia aos que disso têm cargo, a tornarem esta linda praia a mais confortável, a mais formosa, a mais higiénica das estâncias balneares, como nos poucos dias que podia roubar ao seu trabalho insano, tão insano e violento que lhe cavou a sepultura, corria pressuroso à sua Póvoa, ao doce convívio dos seus amigos (6). A boa camaradagem de Rocha Peixoto, e a sua ausência de egoísmo, tornaram-se proverbiais: «Não houve ninguém» — disse Manuel Monteiro — «ou raro foi aquele que o topando entregue ao próprio esforço na ladeira difícil da existência e lhe solicitasse o seu auxílio que o não tivesse, pronto e seguro, com a solicitude emergente da sua encantadora bondade (7)». Numa frase de antologia, o mesmo Rocha Peixoto exprimiu lapidarmente o seu pensamento: — «Há muito que estudar e poucos são os que trabalham; mas embora fossem muitos Portugal chega para todos (8)».

reimprimam os trabalhos etnográficos e arqueológicos de Rocha Peixoto, fundamentais na sua bibliografia (mas reeditados com todas as respectivas gravuras). A fim de se lembrar, no ano do Centenário, o nome do eminente cientista, poderia a Comissão de Turismo da Póvoa de Varzim, ou outra entidade, publicar um postal com a effigie de Rocha Peixoto, postal que, através dos Correios, facilmente se expandiria pelo país. E, finalmente, não deve a Póvoa deixar de realizar uma Exposição de recordações do Mestre: fotografias, manuscritos do seu espólio, livros que lhe foram oferecidos ou que escreveu, revistas que o homenagearam, cartas, as louças e os azulejos da sua colecção, objectos que lhe pertenceram, os móveis do seu gabinete de trabalho, documentos dos arquivos, peças arqueológicas e etnográficas que estudou, etc. Longa lista de possíveis elementos para esta Exposição já eu organizei; e desde já a coloco à disposição dos interessados. Sejam todos nós capazes de patentear condignamente o nosso reconhecimento a Rocha Peixoto.



Ora é de um homem desta estirpe, que serviu a nação estudando, criticando e agindo, que no próximo ano se comemora o centenário do seu nascimento. Não tiveram os meus despreziosos e esquemáticos artigos outro escopo senão lembrar esse evento, sobretudo às gerações mais jovens. Etnógrafo de primeira água, batilhador incansável e

- 1 — Memória a José Rodrigues Maio (O Cego do Maio). Relato dos trabalhos. (Póvoa de Varzim, 1910), pp. 31-33 e 54.
- 2 — «Rocha Peixoto», in jornal A «Propaganda», da Póvoa de Varzim, de 10 de Maio de 1909, p. 1; — «Rocha Peixoto», in O Comércio da Póvoa de Varzim, de 28 de Maio de 1909, p. 3; — «Monumento a povoenses», in Estrella Povoense, de 30 de Maio de 1909, p. 1.
- 3 — João A. Landolt — «As Caveirinhas da Misericórdia», in revista A Póvoa de Varzim, ano II, n.º 23 e 24 (Póvoa de Varzim, 1913), p. 1.
- 4 — As duas irmãs.
- 5 — Livro d'Actas da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, de 2 de Setembro de 1907 a 5 de Março de 1912, fol. 70.
- 6 — Vide: — «Rocha Peixoto», in «O

ROCHA PEIXOTO

(6)



ENTRETANTO, resolvera o Club Naval Povoense levantar junto à praia um monumento ao heróico «Cego do Maio», símbolo da bravura do pescador da Póvoa de Varzim. Em Fevereiro de 1908, no momento de se escolher o artista que modelaria o busto, recorreu o Club Naval ao conselho do poveiro Rocha Peixoto, pedindo-lhe a indicação de um escultor competente e de peritos que depois viessem a

direi mais, um fanático pela terra que lhe foi berço. Era de ver como se entusiasmava com os seus progressos, com que afã a defendia pela palavra e pela pena; como lhe riam os olhos com o seu engrandecimento; como aconselhava, encorajava, afoitava e impelia aos que disso têm cargo, a tornarem esta linda praia a mais confortável, a mais formosa, a mais higiénica das estâncias balneares, como nos poucos dias que podia roubar ao seu trabalho insano, tão insano e violento que lhe cavou a sepultura, corria pressuroso à sua Póvoa, ao doce convívio dos seus amigos (6). A boa camaradagem de Rocha Peixoto, e a sua ausência de egoísmo, tornaram-se proverbiais: «Não houve ninguém» — disse Manuel Monteiro — «ou raro foi aquele

por FLAVIO GONÇALVES

reimprimam os trabalhos etnográficos e arqueológicos de Rocha Peixoto, fundamentais na sua bibliografia (mas reeditados com todas as respectivas gravuras). A fim de se lembrar, no ano do Centenário, o nome do eminente cientista, poderia a Comissão de Turismo da Póvoa de Varzim, ou outra entidade, publicar um postal com a effigie de Rocha Peixoto, postal que, através dos Correios, facilmente se expandiria pelo país. E, finalmente, não deve a Póvoa deixar de realizar uma Exposição de recordações do Mestre: fotografias, manuscritos do seu espólio, livros que lhe foram oferecidos ou que escreveu, revistas que o homenagearam, cartas, as louças e os azelejos da sua coleção, objectos que lhe pertenceram, os móveis do seu gabinete de trabalho, documentos dos arquivos, peças arqueológicas e etnográficas que estudou, etc. Longa lista de possíveis elementos para esta Exposição já eu organizei; e desde já a coloco à disposição dos interessados. Sejam todos nós capazes de patentear condignamente o nosso reconhecimento a Rocha Peixoto.

que o topando entregue ao próprio esforço na ladeira difícil da existência e lhe solicitasse o seu auxilio que o não tivesse, pronto e seguro, com a facilidade emergente da sua encantadora bondade (7). Numa frase de antologia, o mesmo Rocha Peixoto exprimiu lapidarmente o seu pensamento: — «Há muito que estudar e poucos são os que trabalham; mas embora fossem muitos Portugal chega para todos (8)».

Ora é de um homem desta estirpe, que serviu a nação estudando, criticando e agindo, que no próximo ano se comemora o centenário do seu nascimento. Não tiveram os meus desprentiosos e esquemáticos artigos outro escopo senão lembrar esse evento, sobretudo às gerações mais jovens. Etnógrafo de primeira água, batilhador incansável e esclarecido, sempre atento à vida cultural e social do país—que, num período difícil ajudou a renovar —, Rocha Peixoto bem merece a gratidão dos portugueses. Esperemos, portanto, que se revistam de verdadeiro sentido as homenagens que porventura se realizem em sua memória. Nesta nossa época em que o mundo se transforma, da qual alguns descreem, mas que cada vez mais se nos revela estar prenhe de frutuosas consequências, época de generosos ideais humanísticos, recordar a obra de Rocha Peixoto representará, sob

- 1 — Memória a José Rodrigues Maio (O Cego do Maio). Relato dos trabalhos. (Póvoa de Varzim, 1910). pp. 31-33 e 54.
- 2 — «Rocha Peixoto», in jornal A «Propaganda», da Póvoa de Varzim, de 10 de Maio de 1909, p. 1; — «Rocha Peixoto», in O Commercio da Póvoa de Varzim, de 28 de Maio de 1909, p. 3; — «Monumento a povoenses», in Estrella Povoense, de 30 de Maio de 1909, p. 1.
- 3 — João A. Landolt — «As Caveirinhas da Misericórdia», in revista A Póvoa de Varzim, ano II, n.º 23 e 24 (Póvoa de Varzim, 1913), p. 1.
- 4 — As duas irmãs.
- 5 — Livro d'Actas da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, de 2 de Setembro de 1907 a 5 de Março de 1912, fol. 70.
- 6 — Vide: — «Rocha Peixoto», in «O Liberal», da Póvoa de Varzim, de 16 de Maio de 1909, p. 2 (discurso do P.º Manuel Ribeiro de Castro, Abade de Nabaes); e «Câmara Municipal da Póvoa», in Recordação. Homenagem dos alunos da Escola Industrial Infante D. Henrique ao inolvidável archeólogo que foi A. A. da Rocha Peixoto (Porto, 1909), pp. 24-25 (idem).
- 7 — Manuel Monteiro — «Rocha Peixoto», in Arte. Archivo de Obras de Arte, ano V, n.º 54 (Porto, 1909), p. 42.
- 8 — José Pinho — «Recordação», in Recordação. Homenagem dos alunos da Escola Industrial Infante D. Henrique (Porto, 1909), p. 18.

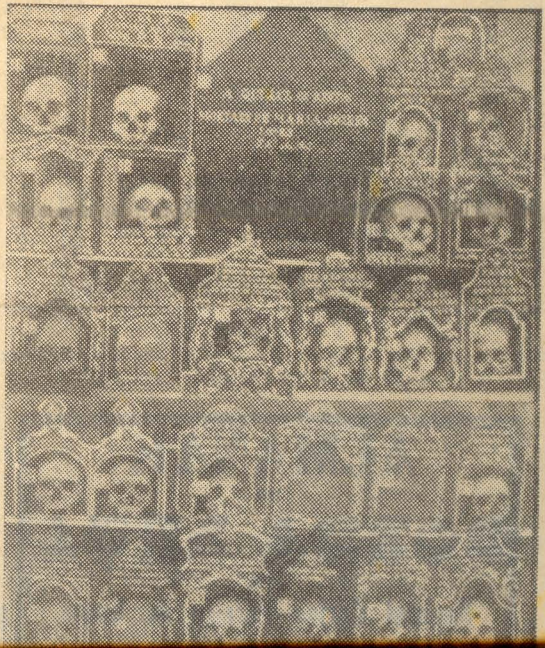


Póvoa de Varzim, Monumento ao «Cego de Maio», cujo autor, o artista Romão Júnior, foi escolhido por Rocha Peixoto

judgar o trabalho apresentado. «Sempre solícito em tudo quanto dizia ao bom nome desta sua terra e nossa terra» — como mais tarde relatou a comissão executiva do monumento — o director do Museu Municipal do Porto aceitou a incumbência e indicou Romão Júnior para autor do busto, organizando também, para apreciar a maquette, um júri formado pelo escultor Teixeira Lopes, pelo pintor Marques de Oliveira e por ele próprio, Rocha Peixoto. Morreu o insigne escritor precisamente nas vésperas do exame feito pelo júri — que reuniu em 10 de Maio de 1909 no atelier de Romão Júnior, no Porto, aprovando o projecto da escultura, já então em barro (1). Aliás, em outras obras da Póvoa de Varzim terminadas após o falecimento de Rocha Peixoto se ficou a sentir a influência deste. Na reforma do edificio dos Paços do Concelho, prolongada entre 1907 e 1910, a qual alterou bastante o interior da construção e enriqueceu a decoração da fachada principal, seguiram-se indicações e sugestões dadas ainda por Rocha Peixoto (2). E tendo ele conhecimento que a antiga igreja da Misericórdia da vila, derrubada em Janeiro de 1910, estava condenada a desaparecer, «encarregara o provedor, vice-provedor e secretário da mesa (da Confraria da Misericórdia) de 1908 a 1910 de vigiarem e investigarem os materiais de demolição» e rogara-lhes que fotografassem a igreja e o seu conteúdo antes da demolição (3); graças a tão benemérito cuidado possui hoje o Museu Municipal da Póvoa de Varzim dez preciosas fotografias do templo desaparecido e os restos architectónicos medievais e quinhentistas que surgiram no decorrer da demolição!

Finalmente Rocha Peixoto rematou os serviços prestados à terra natal legando os seus livros à Biblioteca pública da vila. O seu testamento, datado de 26 de Dezembro de 1907, diz textualmente: «Da minha pequena bibliotheca escolherão as minhas

mória. Nesta nossa época em que o mundo se transforma, da qual alguns descreem, mas que cada vez mais se nos revela estar prenhe de frutuosas consequências, época de generosos ideais humanísticos, recordar a obra de Rocha Peixoto representará, sob todos os aspectos, e para todos nós, um salutar estímulo. Cabem à Póvoa de Varzim e ao Porto, sem dúbida, as maiores responsabilidades nas referidas homenagens. Não falo apenas na obrigação que incumbe à Biblioteca Pública Municipal do Porto e ao Museu Nacional de Soares dos Reis de evocarem condignamente o nome e a acção de quem pelas duas instalações tanto fez! Várias outras iniciativas são de tomar, para que as comemorações se não reduzam, como em casos semelhantes há acontecido, ao discurso laudatório e à conferência convencional que nada traz de novo. Seguindo a lição do próprio Rocha Peixoto corte-se à retórica e acrescente-se ao domínio da investigação científica. Por que não estabelece a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, por exemplo, o Prémio Rocha Peixoto, a conceder-se





Póvoa de Varzim, Monumento ao «Cego de Maio», cujo autor, o artista Romão Júnior, foi escolhido por Rocha Peixoto

julgar o trabalho apresentado. «Sempre solicitei em tudo quanto dizia ao bom nome desta sua terra e nossa terra» — como mais tarde relatou a comissão executiva do monumento — o director do Museu Municipal do Porto aceitou a incumbência e indicou Romão Júnior para autor do busto, organizando também, para apreciar a maquete, um júri formado pelo escultor Teixeira Lopes, pelo pintor Marques de Oliveira e por ele próprio, Rocha Peixoto. Morreu o insigne escritor precisamente nas vésperas do exame feito pelo júri — que reuniu em 10 de Maio de 1909 no atelier de Romão Júnior, no Porto, aprovando o projecto da escultura, já então em barro (1). Aliás, em outras obras da Póvoa de Varzim terminadas após o falecimento de Rocha Peixoto se ficou a sentir a influência deste. Na reforma do edifício dos Paços do Concelho, prolongada entre 1907 e 1910, a qual alterou bastante o interior da construção e enriqueceu a decoração da fachada principal, seguiram-se indicações e sugestões dadas ainda por Rocha Peixoto (2). E tendo ele conhecimento que a antiga igreja da Misericórdia da vila, derrubada em Janeiro de 1910, estava condenada a desaparecer, «encarregara o provedor, vice-provedor e secretário da mesa (da Confraria da Misericórdia) de 1908 a 1910 de vigiarem e investigarem os materiais de demolição» e rogara-lhes que fotografassem a igreja e o seu conteúdo antes da demolição (3); graças a tão benemérito cuidado possui hoje o Museu Municipal da Póvoa de Varzim dez preciosas fotografias do templo desaparecido e os restos arquitectónicos medievais e quinhentistas que surgiram no decorrer da demolição!

Finalmente Rocha Peixoto rematou os serviços prestados à terra natal legando os seus livros à Biblioteca pública da vila. O seu testamento, datado de 26 de Dezembro de 1907, diz textualmente: «Da minha pequena bibliotheca escolherão as minhas herdeiras (4) os livros que bem quizerem; os restantes, não apartados para ellas, lego-os à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, para augmento da sua Bibliotheca, devendo serem-lhe entregues dentro do prazo d'um anno». Por um documento inédito existente na Bibliotheca Municipal poveira sabe-se que o número dos volumes entregues foi de 2.794! Actualmente o núcleo principal da Bibliotheca continua a ser o da oferta de Rocha Peixoto — livros de História, Etnografia, Arqueologia, Arte, Ciências Naturais, Bibliografia, etc. — motivo sufficiente, segundo julgo, para que a essa Bibliotheca Municipal se dê o nome do illustre e dedicado poveiro.

A morte de Rocha Peixoto provocou o maior sentimento na Póvoa de Varzim. A pedido da Câmara Municipal o corpo do escritor trasladou-se para o cemitério daquela vila, e o seu funeral, realizado em 16 de Maio de 1909, teve uma importância como a Póvoa nunca vira! Os jornais da vila consagraram páginas inteiras, por mais de um número, à memória do cientista, sublinhando todos, além da alta craveira intelectual de Rocha Peixoto, o seu espírito bondoso e bairrista. Na primeira sessão da Câmara Municipal realizada depois da sua morte, aos 10 de Maio, o presidente dr. David Alves fez o elogio do distinto etnógrafo e propôs se exarasse na acta «um voto de profundo sentimento e pesar» e se suspendesse a sessão em sinal de luto (5). Um vereador, associando-se à homenagem, tomou a palavra para recordar o amor do extinto à Póvoa de Varzim: «Rocha Peixoto era um enamorado da sua Póvoa» — afirmou —, «era um apaixonado,

mória. Nesta nossa época em que o mundo se transforma, da qual alguns descrevem, mas que cada vez mais se nos revela estar preñado de frutuosas consequências, época de generosos ideais humanísticos, recordar a obra de Rocha Peixoto representará, sob

todos os aspectos, e para todos nós, um salutar estímulo. Cabem à Póvoa de Varzim e ao Porto, sem dúvida, as maiores responsabilidades nas referidas homenagens. Não falo apenas na obrigação que incumbe à Bibliotheca Pública Municipal do Porto e ao Museu Nacional de Soares dos Reis de evocarem condignamente o nome e a acção de quem pelas duas instalações tanto fez! Várias outras iniciativas são de tomar, para que as comemorações se não reduzam, como em casos semelhantes há acontecido, ao discurso laudatório e à conferência convencional que nada traz de novo. Seguindo a lição do próprio Rocha Peixoto corte-se à retórica e acrescente-se ao domínio da investigação científica. Por que não estabeleça a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, por exemplo, o Prémio Rocha Peixoto, a conceder ao melhor estudo de Etnografia publicado em 1966? E se esta ou outra entidade organizasse, no mesmo ano, um Colóquio Rocha Peixoto? Homenagem de grande alcance seria a reedição, em volumes e por assuntos, da obra completa de Rocha Peixoto — uma obra notabilíssima e tão útil, que por andar dispersa por publicações já hoje raras, e de elevado preço, difficilmente se consulta. A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim lembro também esta iniciativa. Não lhe sendo possível arcar sozinha com as despesas de tal reedição, possível é, com certeza, conseguir-se para a empresa o auxílio financeiro da Junta Distrital, do Ministério da Educação Nacional, das Fundações culturais, dos Institutos científicos etc. Em caso de força maior — que se viria a lamentar mais tarde — que ao menos se

a solicitação emergente da sua encantadora bondade (7)». Numa frase de antologia, o mesmo Rocha Peixoto exprimiu lapidariamente o seu pensamento: — «Há muito que estudar e poucos são os que trabalham; mas embora fossem muitos Portugal chega para todos (8)».

Ora é de um homem desta estirpe, que serviu a nação estudando, criticando e agindo, que no próximo ano se comemora o centenário do seu nascimento. Não tiveram os meus despreziosos e esquemáticos artigos outro escopo senão lembrar esse evento, sobretudo às gerações mais jovens. Etnógrafo de primeira água, batalhador incansável e esclarecido, sempre atento à vida cultural e social do país — que, num período difficil ajudou a renovar —, Rocha Peixoto bem merece a gratidão dos portugueses. Esperemos, portanto, que se revistam de verdadeiro sentido as homenagens que porventura se realizem em sua me-

coloco a disposição dos interessados. Sejam todos nós capazes de patentear condignamente o nosso reconhecimento a Rocha Peixoto.

- 1 — Memória a José Rodrigues Maio (O Cego do Maio). Relato dos trabalhos. (Póvoa de Varzim, 1910), pp. 31-33 e 54.
- 2 — «Rocha Peixoto», in jornal A «Propaganda», da Póvoa de Varzim, de 10 de Maio de 1909, p. 1; — «Rocha Peixoto», in O Comércio da Póvoa de Varzim, de 23 de Maio de 1909, p. 3; — «Monumento a povoenses», in Estrella Povoense, de 30 de Maio de 1909, p. 1.
- 3 — João A. Landolt — «As Caveirinhas da Misericórdia», in revista A Póvoa de Varzim, ano II, n.º 23 e 24 (Póvoa de Varzim, 1913), p. 1.
- 4 — As duas irmãs.
- 5 — Livro d'Actas da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, de 2 de Setembro de 1907 a 5 de Março de 1912, fol. 70.
- 6 — Vide: — «Rocha Peixoto», in «O Liberal», da Póvoa de Varzim, de 16 de Maio de 1909, p. 2 (discurso do P. Manuel Ribeiro de Castro, Abade de Nabaes); e «Câmara Municipal da Póvoa», in Recordação. Homenagem dos alumnos da Escola Industrial Infante D. Henrique ao inolvidável archeólogo que foi A. A. da Rocha Peixoto (Porto, 1909), pp. 24-25 (idem).
- 7 — Manuel Monteiro — «Rocha Peixoto», in Arte. Archivo de Obras de Arte, ano V, n.º 54 (Porto, 1909), p. 42.
- 8 — José Pinho — «Recordação», in Recordação. Homenagem dos alumnos da Escola Industrial Infante D. Henrique (Porto, 1909), p. 18.



Antiga igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim, demolida em 1910. Um aspecto da «Casa das Caveirinhas» (fotografia obtida graças às recomendações feitas por Rocha Peixoto pouco antes de morrer).